

**IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
EMMANUEL LEVINAS**

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755

Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-00-00046-7

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação da filosofia levinasiana pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

CARCEREIRAS E ENCARCERADAS: A DUALIDADE VIVIDA PELAS AGENTES PENITENCIARIAS BRASILEIRAS VS AS PRESIDÁRIAS

JAILERS AND IMPRISONED: THE DUALITY LIVED BY BRAZILIAN PRISON AGENTS VS. PRISONERS

**Ana Luíza Rocha Barros
Flávia Costa Brettas**

Resumo

O presente trabalho visa expor as ideias centrais das obras “De uniforme diferente: o livro das agentes” e “Presos que menstruam”. Abordando as realidades do sistema carcerário brasileiro, os autores Virgílio de Mattos e Nana Queiroz compartilham de modo crítico as percepções adquiridas ao percorrerem penitenciárias femininas em que mulheres cumprem suas jornadas de trabalho e suas penas. Ressaltando as angústias, pesares, medos e razões de carcereiras e encarceradas, as obras expõem que embora os papéis desempenhados por estas sejam de dualidade, eles se confundem na constantes exposições e violações de direitos ante a omissão do Poder Público.

Palavras-chave: Sistema penitenciário brasileiro, Mulheres, Agentes penitenciárias, Detentas, Alteridade

Abstract/Resumen/Résumé

The present work aims to expose the central ideas of the works “In a different uniform: the book of agents” and “Prisoners who menstruate”. Approaching the realities of the Brazilian prison system, the authors Virgílio de Mattos and Nana Queiroz critically share the insights gained from traversing female prisons in which women work their days and their penalties. Highlighting the anguishes, regrets, fears and reasons of jailers and imprisoned, the works expose that although the roles played by these are dual, they are confused in the constant exposures and violations of rights before the omission of the Public Power.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Brazilian prison system, Women, Correctional officers, Inmates, Otherness

Carcereiras e encarceradas: a dualidade vivida pelas agentes penitenciárias brasileiras vs as presidiárias

Ana Luiza Rocha Barros

Flávia Costa Brettas

INTRODUÇÃO

Cabe a nós neste presente artigo lidar com o estado de direito, através de uma linguagem mais próxima ao direito penal e para isso abordaremos o feminino representado por dois tipos de integrantes da nossa sociedade: as agentes penitenciárias (carcereiras) x as presidiárias. Faremos as referências detalhadas sobre essas figuras do sistema prisional brasileiro nos respectivos capítulos 1 e 2. Nosso estudo se baseou na obra literária do autor e mestre em Direito Penal, Virgílio de Mattos intitulada *De uniforme diferente o livro das agentes (2010)* e, na obra da jornalista e autora Nana Queiroz, *Presos que menstruam (2018)*.

Apesar, de inicialmente parecer uma relação dicotômica, são dois lados que coexistem mutuamente, funcionar juntos e por isso necessário se faz perguntar: Existe sororidade? Existe uma convivência possível? Como elas sobrevivem?

Antes de se expor o conceito de sororidade é importante destacar que este trabalho foi realizado motivadamente pela análise sobre a concepção do mundo, e como temos humildade suficiente para sabermos que isso não será possível porque nos falta tanto meios de divulgação, como competência para fazer uma pesquisa científica mais demorada e aprofundada, nós visamos apenas mudar nós mesmas, nossa visão. Dessa forma, o objetivo é trazer para nossa conduta pessoal, diante daqueles que convivemos, um comportamento mais refletido sobre a importância de termos uma empatia ética no tocante ao nosso universo feminino, e diante da nossa participação compulsória nesse mundo, entender das formas cruéis como ele muitas vezes se encontram.

Assumimos então, a responsabilidade de mostrar a vocês, certos componentes de utopia reconhecido intrinsecamente como parte da nossa natureza feminina que é capaz de gerar novos horizontes através da nossa afetividade que de certa forma pode ser vista como maternal. Lidaremos com temas difíceis e extremamente tristes.

Para isso, é fundamental destacar que o feminismo, corrente que visa igualdade de direitos entre as mulheres, nos traz um conceito interessante sobre *sororidade* e que consideramos quase utópico na prática, porém generoso o suficiente com nós mulheres, capaz de nos fazer encontrar umas com as outras independentes do lugar de fala em que estamos inseridas socialmente.

É um conceito que ainda não compõe o dicionário brasileiro, entendido pela jornalista e criadora da plataforma feminista Todas as Mulheres do Mundo, Giovanna Maradei, que refere-se a: "é ter, acima de tudo, a ideia de que nós precisamos apoiar outras mulheres para buscarmos juntas a liberdade que queremos"¹.

Outra importante reflexão que trazemos para introduzir nosso trabalho vem da vencedora do Nobel da Paz, Malala Yousafzai, uma paquistanesa nascida em 12 de julho de 1997 e ativista dos direitos das mulheres: "sozinha minha voz é apenas uma voz"².

Visto isso, é importante destacar que sempre que falamos de mulheres deveríamos pensar no ser humano igual em sentidos e em direitos. Que mesmo tendo os dados históricos para nos lembrar que o machismo é uma terrível marca nos dias atuais, que carregamos um país que não foi formado por miscigenação, mas proveniente de estupros do sexo masculino, nós inclusive, mencionamos:

"É sempre dito que nós somos o país da 'miscigenação', o país de todas as etnias, o que além de uma grande mentira por conta de todo o preconceito e racismo que é dirigido às pessoas não brancas, anula-se o fato de que a tal miscigenação não foi pacífica, o Brasil nasceu do estupro. Do estupro de escravas negras, do estupro de índias..."³ (site da Justiça de Saia)

Por análises históricas, de lutas, de conscientização, é importante compreender o nosso estudo como parte integrante de uma questão sistêmica que não é isoladamente apenas um dado entre repressão e punição, mas o feminino aprisionado tanto no ambiente de trabalho como é o caso das agentes, como na forma em que o encarceramento tem tratado as mulheres que cometeram ou não condutas criminosas.

Vale ressaltar, que se existe mesmo a sororidade, ser carcereira e estar encarcerada são situações vividas por nossas iguais e sendo elas também iguais entre si, com nervuras de desigualdade em relação às oportunidades que tiveram. Veremos que estão em situações

¹ <https://www.katianeveira.com.br/desenvolvimento-pessoal/sororidade-precisamos-falar-sobre-isso/>

² <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/04/01/o-que-e-sororidade-e-como-pratica-la.htm>

³ <http://www.justicadesaia.com.br/o-brasil-nasceu-do-estupro/>

limites, de oposição, mas que ainda assim é possível encontrar uma forma de sensibilizar o olhar e enxergar que as agentes carcereiras trabalham presas e temem por uma desordem fatal no dia do seu plantão. Enquanto, as prisioneiras vivem presas e temem não obter liberdade ao perder dia após dia a sua dignidade para co-existir.

O princípio da dignidade da pessoa humana, discriminado na Constituição Federal de 1988 é tanto para um lado quanto para o outro. E nessa linha vertical há direitos e garantias fundamentais que as unem. A partir dessa união, desses pontos de encontro que ligam um ser humano ao outro, devemos alinhar todo o nosso olhar julgador, ora crítico, para receberem análises voltadas ao conceito de igualdade. E, vale lembrar:

“Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamento:

III - Dignidade da pessoa humana”⁴ (Constituição Federal de 1988)

Qualquer interpretação na apresentação dos dados colhidos e apresentados que surtirem como julgamentos serão feitos na abordagem conclusiva ao final deste estudo.

No entanto, não temos a pretensão de trazer uma síntese de todos os temas importantes de cada livro, mas apenas alguns dados e essa possível conclusão na qual nós poderemos traçar tessituras que sirvam para humanizar o olhar sobre tanto a parte que pune, como a parte que está sendo punida. Sendo de fundamental importância compreender que o que está por trás do poder punitivo é o Estado dito democrático e de direito, e que também é quem está por trás com suas falências, omissões, produzindo a causa mais provável das que integram a parcela que está sendo punida.

O fato de não esgotar o tema dos livros mencionados e que a seguir serão tratados aqui, não se refere apenas à nossa simples incapacidade de fazê-lo, mas funciona como uma forma de enxergar as pessoas aqui tratadas com alteridade.

Será necessário considerar que os dados demonstrados passarão pela nossa percepção como autoras e que isso significa que serão informações tratadas através das nossas vivências particulares. Visamos apresentar a situação de mulheres que dessa mesma forma que nós, estão repletas em sua pluralidade, singularidade e com alguma neutralidade, e que, entretanto, são pertencentes do mesmo Estado.

⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

Portanto, assumimos que não será possível delimitar os abismos circunstanciais de cada indivíduo isoladamente porque nem o conjunto de presas são homogêneos, nem o conjunto das agentes. A desfiguração dos preconceitos e pré informações sobre o tema tentará ser deixado de lado em detrimento de uma escuta plena. É como diria o autor Bernardo G. B. Nogueira sobre uma reflexão da filosofia trabalhada por Lévinas:

“Seria uma caminhada para o infinito. O outro em Lévinas é um abismo que nos convida a des-conhecer. Desconcertando nossas miradas e trazendo vertigem às certezas de nosso olhar. Ante o abismo infinito e indecifrável do outro devemos nos prostrar, como ante um deus”⁵. (Nogueira, Bernardo. G B. 2015)

CAPÍTULO 01: EU QUERO PAZ NO MEU PLANTÃO

As agentes penitenciárias que responderam ao questionário aplicado que deu origem ao livro abordado, construído pelo autor, Virgílio de Mattos, são trabalhadoras do Complexo Penitenciário Estevão Pinto em Belo Horizonte/MG.

O trabalho remunerado é necessidade e direito de todo cidadão, cidadã, que completam a maioria com o objetivo que estes sejam capazes de prover o seu sustento como o de sua família. Existem leis no nosso ordenamento jurídico que regulam e definem os contratos trabalhistas a fim de garantir condições dignas as trabalhadoras. O trabalho está previsto na Constituição Federal como um direito social em seu art. 6º. E, o princípio básico do direito do trabalho que deve nortear de forma análoga não só as relações trabalhistas privadas, mas também a pública, faz relação com trazer mais proteção às normas que sejam mais benéficas aos trabalhadores em detrimento do empregador, afinal, representam a parte mais frágil de uma relação trabalhista.

Tendo em vista que explanamos a importância de termos uma oportunidade de trabalho para sobreviver no sistema capitalista, torna-se fundamental compreender que o Estado deve garantir condições dignas para que ele possa ser exercido.

Portanto, o que vimos na nossa pesquisa é que além do trabalho das agentes ser exaustivo, estressante, que a única coisa que elas têm em mente ao longo da jornada é o desejo de obter paz no plantão, afinal elas sempre temem mortes ao longo do dia proveniente de motins e rebeliões, elas, ao chegarem em casa, em seu momento de liberdade, partem para uma segunda jornada que o modelo patriarcal delimitou que deve ser feito prioritariamente pelo sexo feminino. Arrumam a casa, cuidam dos filhos, fazem comida e deixam tudo pronto para

⁵ NOGUEIRA. Bernardo G. B. Levinas e o Estado Plurinacional. 2015. pag. 20.

o dia seguinte. Esse aspecto é abordado por Virgílio como condição da exploração de gênero que nem mesmo as trabalhadoras se recusam a deixar de executar. Independente das razões pessoais de cada uma, é importante ver que esse dado apresenta questões comuns à todas as mulheres, independente da classe social.

Nos atentamos para o desassossego que essas trabalhadoras vivem, quando nos gráficos que o autor nos apresentou encontramos os seguintes dados:

Pergunta: Quando você chega em casa costuma pensar em seu dia de trabalho?

Resposta: 74% sim e 26% não.

Não dormem bem: 18%. Têm pesadelos: 17%. Insônia: 33%. Usam medicação para depressão e ansiedade: 15%.

O próximo dado deve ser compreendido com alarde tendo em vista as possíveis causas do problema.

Hipertensão: 40%.

A hipertensão pode ser uma doença devido ao alto nível de sal, álcool, fumo, mas também é causada quando a qualidade de vida do indivíduo está em sua rotina sofrendo um alto estresse.

Segundo o site do ministério da saúde 388 pessoas morrem por dia de hipertensão⁶.

A pressão alta reflete um estado de espírito peculiar vivenciado em seu cotidiano e pode refletir inclusive na forma como você lida com o mundo.

Outro dado alarmante é que apenas 24% entendem que o sistema penitenciário é fracassado e ineficaz, quando a maioria delas sentem orgulho do serviço disciplinado que prestam.

Em todos os dicionários que procuramos estão relacionados o conceito de disciplina com o da obediência. É necessário fundamentar que o serviço das agentes é obrigar alguém a fazer alguma coisa que elas geralmente não querem fazer e em um local que ela não gostaria de estar, acompanhadas de pessoas em sua maioria indesejadas. Acreditamos que esse dado apresentado está intimamente ligado aos níveis altos de pressão arterial que contribuem para gerar a atmosfera de uma penitenciária diariamente. Todos os dias.

O autor dessa pesquisa que se tornou livro, Virgílio de Mattos trata de nos explicar que é importante manter o sigilo dos relatos pelos motivos que existem em qualquer local onde o trabalho é um fardo pesado: perda do cargo, perseguição e retirada de direitos.

⁶ <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/hipertensao>

Por isso, de forma ampla relatamos que existe um pensamento que ecoa entre as trabalhadoras: manter a autoridade sem ser autoritária⁷ (pág 28).

Esse tipo de pensamento é embasado no fato de haverem muitas presas no local, algumas que podem ser consideradas violentas e por isso inclusive foram punidas com o encarceramento. Entretanto, é necessário manter a ordem não só pelo sentimento que ronda as agentes de se perceberem representantes de um estado de coisas como a sede de vingança da sociedade contra as mulheres que infringiram alguma norma de conduta social, mas mais importante que isso, é por uma questão de sobrevivência. As agentes precisam do emprego, elas estão tendo uma oportunidade, necessariamente não são responsáveis pelo sistema prisional não funcionar, apesar de não compreenderem bem o fracasso, e a responsabilidade única e exclusivamente do Estado. As agentes são um instrumento do Estado que revelam de forma crua a precarização agressiva da vida humana à serviço da vaidade dos que estão mais ao topo da pirâmide. Isso nos é trazido quando no relato de uma das agentes elas nos conta:

"Outro aspecto a ser relatado é a falta de incentivo, motivação por parte dos diretores. À medida que o tempo passa percebemos que existe um jogo de interesses, todos querem ser diretores gerais e só se preocupam em criar atritos, fazer intriga, etc. Talvez a vaidade excessiva seja o termo melhor empregado."⁸

Esse é em suma o quadro apresentado inicialmente por essa obra. De maneira que tentamos pegar alguns pontos para trazer luz à nossa reflexão.

Então, o que temos nesses pontos abordados são certas falências provenientes das necessidades que o sistema capitalista nos impõe, ao ponto de obrigar um povo a se submeter a qualquer situação e convencê-los que o que vivenciam é de certa forma razoável. Isso deflagra uma situação de identificação com outros aspectos sociais que não estão presentes apenas no espectro cru do trabalho penitenciário, mas em outros níveis que também limitam a nossa capacidade de existir com saúde, digamos, de forma menos pressionada, sem ter que recorrer a repressão do outro feita por nós. Nós, carcereiras constantes de uma sociedade que não se apresenta por essa perspectiva nem tão justa, nem tão humana.

CAPÍTULO 02: PRESOS QUE MENSTRUAM

Publicado no ano de 2015 e escrito pela então jornalista Nana Queiroz, o livro *Presos que menstruam* retrata as histórias ouvidas e experiências por ela vivida, ao longo dos 4 anos, transitando pelas principais unidades do sistema penitenciário feminino brasileiro.

⁷ MATTOS. Virgílio de. De uniforme diferente o livro das agentes. 2010. pág 28.

⁸ MATTOS. Virgílio de. De uniforme diferente o livro das agentes. 2010. pág. 22.

Com a descrição: “A brutal vidas das mulheres – tratadas como homens- nas prisões brasileiras”, a autora provoca a curiosidade dos leitores a folhear as páginas de um livro que remonta a realidade de um sistema penitenciário sucateado, o qual, em sua maioria, não se encontra preparado nem estruturado para lidar com as prerrogativas e necessidades que a população feminina carcerária brasileira demanda.

Em meio a mulheres com idades diversas, algumas raras, advindas de outras etnias, umas, já avós, outras, se tornando mães dentro do próprio complexo penitenciário, Nana retrata a tentativa destas em manterem sua própria identidade e histórias de vida, mesmo estando imersas em um ambiente propício para descaracterizá-las como ser humano. Cumprindo suas penas alongadas em anos, por terem ora se envolvido no tráfico, ora no roubo, a autora revela ser estas as principais ilícitos cometidos pelas presidiárias, cujas justificam a prática como meio de complemento de suas rendas.

"A prisão é uma experiência em família para muitas mulheres no Brasil, não apenas para Ieda, Marta e Márcia. Em geral, é gente esmagada pela penúria, de áreas urbanas, que buscam o tráfico como sustento. São, na maioria, negras e pardas, mães abandonadas pelo companheiro e com ensino fundamental incompleto."⁹

Nos anos anteriores à publicação, Nana Queiroz, visitou dez dos principais complexos penitenciários feminino do país, dentre eles a Penitenciária de Madre Pelletier, Presídio Feminino do Distrito Federal e Penitenciária de Sant’anna, os quais somados às demais unidades do sistema penitenciário, abrigavam à época cerca de 36 mil mulheres, o que correspondia 7% da população carcerária total do Brasil.

"Segundo o Ministério da Justiça, entre 2007 e 2012, a criminalidade cresceu 42% entre as mulheres – ritmo superior ao masculino. Uma tese em voga entre ativistas da área é a de que a emancipação da mulher como chefe de casa, sem a equiparação de seus salários com os masculinos, tem aumentado a pressão financeira sobre elas e levado mais mulheres ao crime do decorrer dos anos."¹⁰ (QUEIROZ, Nana. 2015, pg. 63)

Condenadas ou acauteladas não apenas por sentenças e decisões judiciais, as mulheres que compõem estes centros penitenciários, se veem também subjugadas pelo descaso do Poder Público, que lhes garantem o mínimo do exigido pelos preceitos constitucionais e legais do ordenamento brasileiro.

As penitenciárias se caracterizam por serem ambientes superlotados, em condições degradantes de se viver, os alimentos, muitas vezes, são armazenados de forma inadequada, há

⁹ QUEIROZ. Nana. Presos que menstruam. 2015. pág 63

¹⁰ QUEIROZ. Nana. presos que menstruam. 2015. pág. 63

falta produtos de higiene, bem como carência no serviço da prestação de saúde, tudo descrevendo o descaso da Administração Pública.

Além da insistente omissão do Executivo, Legislativo, bem como das instituições responsáveis pela execução penal brasileira referentes ao Judiciário e seus poderes auxiliares, as presas do nosso país lidam com o desamparo da sociedade civil justificado pelo iminente preconceito e formação do ideal, de que a situação caótica do encarceramento brasileiro não é um problema que lhes competem. Em decorrência deste fator, frequente e impunes se tornam os abusos, as violências físicas e psicológicas praticados pelas autoridades policiais e as agentes penitenciárias.

"Quando a polícia finalmente pôs as mãos em Gardênia, ela já estava com a gravidez avançada. Não que isso, em momento algum, tenha lhe rendido tratamento especial. Quando foi detido, Gardênia foi jogada com violência dentro da viatura e teve uma bolsa pesada atirada contra sua barriga.

- Aiii!

- Tá reclamando do quê? Isso é só outro vagabundinho que vem vindo no mundo aí!

Quatro dias depois de chegar à delegacia, a pressão emocional e as más condições adiantaram o parto em dois meses. Começou a sentir contrações e pedir ajuda, mas os policiais alegaram que não havia viatura disponível para levá-la ao hospital.

Dor, dor, dor. E foi só quando ela entrou mesmo em desespero e começou a gritar, a incomodar, que encontraram uma viatura para ela. [...].

Entre uma contração e outra, ela foi observando a rua, as pessoas que olhavam o carro com medo, com curiosidade, com hipocrisia. A ninguém importava Gardênia ou o bebê que carregava. Eles eram o resto do prato daquela sociedade. O que ninguém quis comer. E seu filho já nascia como sobra."¹¹

Em meio as crônicas escritas por Nana Queiroz, nas quais descreve a seus leitores a estrutura desumana dos presídios em que visitou e as facetas da vida desalentadora de suas personagens, a jornalista cumpriu o papel de frisar o lado materno destas mulheres estigmatizadas pelos erros cometidos. Nana mostra o lado sensível dessas mulheres ao se reportarem a seus filhos. Encarceradas compartilharam com a autora as impossibilidades e dificuldades do exercício de suas maternidades nos ambientes de restrição de liberdade, demonstrando a dor e os traumas sofridos por terem seus filhos afastados e que não raras vezes, retirados de suas guardas.

Nas crônicas, *Leite, fraldas e potes de açúcar; A sentença do filho; Os filhos de Camila; Carolina que sempre foi mãe de uma garotinha; Filhos do cárcere; Dias das Mães*

¹¹ QUEIROZ, Nana. Presos que menstruam. 2015. pág 72.

QUEIROZ remonta algumas histórias que ouviu ou presenciou das gestantes, que além de não possuírem tratamento especial durante a gestação, costumam passar por partos violentos. Após terem seus filhos nos braços, ainda precisam optar entre os terem por perto e vê-los crescer em locais indignos para uma criança, ou para poupá-los do cárcere, abrirem mão de suas guardas.

"O último levantamento feito pelo Ministério da Justiça mostrava que 166 crianças viviam no sistema prisional no país. Destas, só 62 estavam em locais dignos como Cássia. As demais moravam em presídios mistos, com pouca ou nenhuma adaptação para recebe-las. Cadeias de homens e mulheres ainda predominam fora das capitais e, quando nascem em locais assim, as crianças vivem em celas superlotadas, úmidas e malcheirosas, chegando até mesmo a dormir no chão com as mães. Apelidadas pelos filhos, muitas presas preferem devolvê-los à família ou entregar para adoção a vê-los vivendo em tais condições."¹²

Quanto às mulheres que já possuíam seus filhos antes de serem apenas mães, a autora pontua que alguns pesquisadores estimam:

"[...] que por volta de 85% das mulheres encarceradas sejam mães. Quando detidas, seus filhos são distribuídos entre parentes e instituições. Só 19,5%, dos pais assumem a guarda das crianças. Os avós maternos cuidam dos filhos em 39,9% dos casos, e 2,2% deles vão para orfanatos, 1,6% acabam presos e 0,9%, internos de reformatórios juvenis."¹³

Na crônica *Uma fita colorida e a história de uma presa com o nome de minha mãe*, é contado a história de Ieda, na qual é revelado que por falha do sistema de intimações do judiciário brasileiro, muitas mães acabam por perder a guarda de seus filhos mesmo não sendo de seu interesse. E, uma vez que detidas acabam por não possuir informações precisas e nem as intimações acerca dos processos de guarda de seus filhos.

"Durante o processo, os fóruns enviam intimações para o endereço dos pais que tem registrados em seus arquivos. Essas cartas chegam às antigas casas das presas e ficam mofando nas caixas do correio. Elas nunca descobrem que foram convocadas a depor e manifestar interesse por manter seus filhos e faltam às audiências. O Estado entende ausência como desinteresse e mergulha a criança no burocrático e ineficiente sistema de abrigos e adoção. Assim uma mãe, com o nome da minha, perde sua garotinha."

Em meio a tantas histórias contadas, possível perceber, que a jovem jornalista propõe em sua obra a transposição das percepções pelas quais obteve ao longo da jornada de seus visitas ao sistema carcerário feminino brasileiro, de modo sensível a seus leitores. Nana traz em seu livro, crônicas que tendem a enfatizar, não os crimes cometidos pelas detentas, e sim, o lado humano que estas possuem, o qual raras vezes são retratados, demonstrando com

¹² QUEIROZ. Nana. Presos que menstruam. 2015. pág 117.

¹³ QUEIROZ. Nana. Presos que menstruam. 2015. pág 94.

alteridade, possuir estas dores, amores, razões e redenções, os quais são violados e desrespeitados no dia a dia da realidade penitenciário no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as condições pessoais de cada indivíduo isoladamente refletem as condições precárias que existem para sobreviver neste universo do encarceramento, seja para manter a saúde e a felicidade no trabalho, seja para manter a saúde e a felicidade nas condições existenciais de estar presa.

Falamos de felicidade na nossa conclusão porque é um sentimento que alivia o fardo da vida capitalista, mas hora nenhuma, em nenhum dos dois livros nós encontramos semelhanças desse sentimento presente nas agentes ou nas detentas. Uma loba da outra. Que deveriam acordar para uma situação em que elas podem juntas, garantir um olhar comum entre as possibilidade de convivência que torne a vida mais suportável para ambas. E por que não feliz?

Como nós alertamos na introdução, pode ser que nossa visão seja humanitária ao ponto de estar, quando comparado a realidade social, com características advindas de um caminho ideológico carregado de utopia.

Afinal, nos é impossível culpar um dos lados pelo fracasso do sistema penitenciário feminino. É uma questão relativa a mentalidade da sociedade global que precisa melhor avaliar de forma a considerar os princípios dos direitos humanos e da fraternidade como valores fundamentais a serem de forma feroz perseguidos.

A convivência em sociedade nunca foi fácil desde os primórdios do surgimento do homem na terra e por isso entendemos as nuances que dificultam esse processo nos presídios que parecem a temperatura diária de uma panela de pressão. Nós escolhemos para este estudo um escopo deixado à margem do caminho, onde tem residido o pior do ódio e da violência. É o local onde a insanidade social para cometer crimes por causa muitas vezes da ausência do Estado em garantir a vida digna das pessoas fica tutelado pelo desejo de vingança. E com isso, as detentas podem ser confundidas com as agentes, ambas muitas vezes carregadas de ameaças diárias, umas pelas outras.

Porém, não nos é permitido deixar de acreditar que o mais importante neste momento é o envolvimento político consciente da sociedade para que pressione o governo para que ele

possa através das políticas públicas, fornecer a evolução do respeito e principalmente do entendimento amplo, legal e irrestrito sobre a importância dos direitos humanos.

Enfim, é preciso ir além da letra da lei e ver na concepção de indivíduo para indivíduo como, através da empatia, podemos nos solidarizar para ajudar que esse caldeirão (penitenciárias), pare de explodir diariamente.